

## ESBOÇANDO COMPETÊNCIAS DO APRENDIZ DE LÍNGUAS<sup>1</sup>

Mirelle da Silva FREITAS (Mestranda - UnB)  
Paolla Cabral SILVA-BRASIL (Mestranda- UNB)  
Walter Guarnier de LIMA JUNIOR (Mestrando - UnB)

*"Aprender é próprio do aluno: só ele aprende, e por si; portanto, a iniciativa lhe cabe. O professor é um guia, um diretor, piloto a embarcação, mas a energia propulsora deve partir dos que aprendem."* - John Dewey (1994)

### Resumo

O presente artigo tem por objetivo principal esboçar um modelo das possíveis competências do aprendiz de línguas, atentando para o fato de que aprender e ensinar, apesar de serem intimamente ligados, são processos diferentes. Além disso, objetivamos analisar as competências do aprendiz de línguas, as competências do professor de línguas e a forma como estas se inter-relacionam no percurso de formação no Curso de Letras dentro da universidade.

**Palavras-chave:** competência, aprendiz de línguas, formação de professores de línguas.

### Abstract

The present study aims to draw a model showing potential competences for language learners, observing that although the actions of teaching and learning are strongly connected, they are different indeed. Thus, we analyze the competences of language learners, and the competences of language teachers and how they interrelate during the university studies in Modern Languages Graduation Course.

**Keywords:** competence, language learner, language teacher training.

### Introdução

Desde meados da década de 60, a noção de competência passou a fazer parte dos estudos da área de linguagem. De acordo com Morato (2008), diversos são os entendimentos sobre o termo competência. Para alguns estudiosos, competência é entendida como uma habilidade intrínseca das pessoas, já para outros pesquisadores é tomada como capacidade

---

<sup>1</sup> Este trabalho é resultado dos estudos sobre competência que aconteceram durante as aulas da Disciplina Competência Comunicativa ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Brasília, ministrada pela Professora Dra. Maria Luisa Ortiz Alvarez, durante o segundo semestre de 2011.

desenvolvida no contexto social. Ao estudarmos o percurso das pesquisas sobre competência, verificamos que são muitas as contribuições desses estudos para o campo da Linguística Aplicada.

Por reconhecermos a relevância desses trabalhos para a área de ensino-aprendizagem de línguas, revisitamos neste artigo algumas teorias que discutem o termo competência.

Muitos autores tratam das competências necessárias aos professores de línguas, porém poucos são os trabalhos sobre as competências dos aprendizes de línguas. Sendo assim, pautando-nos nas pesquisas de Cunha (2008), Paula (2008), Nascimento (2009) e Ribeiro (2009), apresentamos um esboço das competências que consideramos ser desejáveis aos aprendizes de línguas.

Além disso, baseados nos estudos de Almeida Filho (1993; 2006), de Basso (2001; 2008) e de Ortiz Alvarez (2010), iniciamos uma reflexão sobre o que é necessário aos aprendizes de línguas que almejam ser professores de línguas, tentando entender como podemos equacionar as competências do aprendiz que o futuro profissional já possui com as competências de professor que ele busca ao entrar em um curso de licenciatura.

Por fim, propomos uma discussão acerca das competências, como alternativa para uma reflexão sobre a formação do professor de línguas em nível universitário. Isso porque acreditamos na urgência em se repensar os objetivos do período de formação do professor de línguas no Curso de Letras, na universidade.

Sabemos e compreendemos que este trabalho não abarca todas as questões acerca do termo competência, e por isso esperamos despertar o interesse para a continuidade das pesquisas que tenham como objeto de estudo as competências de aprendizes e professores de línguas.

## **1. Competência: revisitando a teoria**

Embora as discussões acerca das competências datem de aproximadamente quarenta anos, esse construto desperta ainda muita curiosidade e dúvidas entre professores e alunos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem de línguas. Muitas dessas dúvidas se justificam, pois as teorias que fazem referência à Competência Comunicativa constituem um

construto ainda em formação. No intuito de compreender melhor essa teoria revisitaremos, nesta seção, alguns modelos teóricos responsáveis pelo processo de evolução do conceito de Competência Comunicativa.

O termo Competência é utilizado na dicotomia *Competência - Desempenho* proposta por Noam Chomsky em 1965. Segundo o autor, a *Competência* corresponde à capacidade inata que o indivíduo tem de produzir, de compreender e de reconhecer a estrutura de todas as frases de uma língua. O *Desempenho*, por sua vez, é percebido pelo mesmo autor como relacionado ao uso, sendo determinado pelo contexto onde o falante está inserido. Os estudos chomskyanos sobre a linguagem contemplam um falante-ideal desconsiderando os aspectos socioculturais presentes nos contextos de uso da linguagem (HYMES, 1972).

Hymes (1972) no texto *On Communicative Competence*, manifesta sua discordância em relação à dicotomia defendida por Chomsky (1965). O autor argumenta que não há aquisição de língua fora do contexto social, mostrando a importância de observar o falante e o ambiente real e não o idealizado/perfeito, trazido por Chomsky, para o desenvolvimento da Competência Comunicativa. Em sua teoria, a Competência Comunicativa pode ser entendida como o aspecto da competência de uso de uma língua que possibilita ao falante transmitir e interpretar mensagens, e negociar significados interpessoalmente dentro de determinados contextos. Pensando assim, ele considera que a Competência Comunicativa é composta pela Competência Linguística e pela Competência Sociolinguística. Desta forma, Hymes acredita que a Competência Comunicativa abrange o conhecimento linguístico e as regras sociais de uso.

Mais adiante, Canale e Swain (1980), retomam as discussões sobre o assunto. A teoria desses autores sugere que a Competência Comunicativa se relaciona à teoria de ação humana e a outros sistemas de conhecimento. O referido termo foi, então, subdividido por eles em: Competência Gramatical, Competência Sociolinguística, Competência Estratégica e Competência Discursiva. A primeira competência está relacionada ao domínio do código, ao conhecimento de termos lexicais e às regras de morfologia e sintaxe. A segunda, por sua vez, envolve as regras socioculturais de uso e as regras do discurso. A terceira está relacionada às estratégias que compensam a

competência insuficiente e contribuem para tornar a comunicação mais eficiente. Por fim, a quarta competência refere-se à capacidade de combinar formas gramaticais para tecer um texto coeso e coerente.

Almeida Filho (1993) desenvolve um estudo ampliando o escopo das competências, envolvendo não somente o conceito de Competência Comunicativa, mas também das demais competências necessárias a um profissional do ensino de línguas, iniciando os estudos sobre competências no Brasil. Segundo este autor, dentre essas competências figuram: a Competência Linguístico-Comunicativa, a Competência Implícita, a Competência Aplicada associada a Subcompetência Teórica, e a Competência Profissional. Referindo-se aos professores, o pesquisador supracitado (2006) define as competências como “capacidades de tomada de decisões geralmente espontâneas e instantâneas num quadro de posições ou atitudes do professor”. Sendo assim, é inegável que estas carreguem características individuais, sofrendo, portanto influência da personalidade e motivações dos professores.

Basso (2001) apresenta um modelo de competências para professores de línguas a partir de uma releitura da teoria sobre competências e de modelos anteriores. Em 2008, a autora propõe uma reformulação do trabalho de 2001, apresentando um modelo para a formação inicial e continuada do professor. Este possui dois núcleos centrais, formados pelas duas macrocompetências Discursiva e Profissional. Diretamente relacionada à Competência Discursiva está a Competência Estratégica, este núcleo do modelo se volta para o uso e a forma. A Competência Profissional é circundada pelas competências Formativo-Profissional, de Ensinar e Político-Educacional, este núcleo está voltado para qualidade de formação e dimensão política.

Na intersecção destas duas macrocompetências reside a Competência Reflexiva, vista atualmente como essencial ao processo de formação inicial ou continuado do professor que deseja se profissionalizar, pois é responsável por impulsionar a busca pelas demais competências. Este novo modelo é circundado por fatores externos que influenciam ou interferem, de alguma forma, na prática do professor, sendo eles: traços de personalidade, crenças, ideologia, ambiente de trabalho, valorização da disciplina, motivação e identidade do professor de LE (BASSO, 2008).

Observamos assim uma evolução nos estudos sobre competências,

principalmente quando se trata da competência profissional, focando nas competências do ensinante. Mas e o aprendente? Qual o papel e as competências necessárias a esse último no intuito de possibilitar o sucesso dele no processo de ensino-aprendizagem?

### **1.1. Competência do Aprendiz de Línguas: um esboço**

Reconhecemos a relevância de todos os estudos empreendidos sobre as competências dos professores, porém, acreditamos que o processo de ensino-aprendizagem, por ser uma “via de mão dupla”, envolve os esforços não só do professor, mas principalmente do aprendiz.

Dewey (1994) identifica que o aprender cabe ao aluno, é ele quem aprende, por isso só ele pode impulsionar sua aprendizagem. Com isso, a função do professor é guiá-lo neste caminho. Observamos nos estudos da Linguística Aplicada (LA), quando tratamos de ensino-aprendizagem, uma preocupação mais latente com os processos de ensino. Porém, se Dewey está correto em sua afirmação, resta-nos constatar que precisamos também desenvolver investigações que nos permitam compreender melhor o aprender e o aprendiz.

Paula (2008) ressalta a necessidade de construção de um modelo de competências para alunos. Para a autora, a mobilização dessas competências, pode atingir fins específicos, como por exemplo um aprendizado de línguas promissor.

Acreditando e nos apoiando no exposto, esboçamos um modelo com algumas competências necessárias aos alunos visando uma aprendizagem bem sucedida. Dentre essas competências, destacamos: a Competência Acadêmica, a Competência Aplicada, a Competência Comunicativa, a Competência Espontânea, a Competência Estratégica, a Competência Teórica ou Informada e a Competência Reflexiva. A seguir, sintetizamos cada uma das competências que serão representadas no modelo que propomos.

A **Competência Acadêmica** é responsável pelo gerenciamento da aprendizagem pelo próprio aluno, ou seja, quando o mesmo é pró-ativo assumindo suas responsabilidades de aprendiz e não esperando apenas o conhecimento por parte do professor. Para Ribeiro (2009, p. 56), esta competência objetiva que o aprendiz “desenvolva o potencial de sua

responsabilidade sobre sua aprendizagem, assim como o que representa ser aluno em toda sua complexidade e autonomia, em direção a protagonização de seu papel no ambiente de ensino-aprendizagem”.

A **Competência Aplicada** é responsável pela ponderação feita pelo aluno em relação à teoria linguística aprendida e ao uso real da língua estudada. De acordo com Ribeiro (2009), a articulação feita pelo aprendiz das teorias pessoais (informais) com as teorias formais estudadas é a base dessa competência. Para a autora, a competência aplicada dos aprendizes pode ser desenvolvida dentro e fora da sala de aula, na procura por teorias sobre como aprender e na prática de todas as outras competências.

A **Competência Comunicativa**, conforme visto anteriormente, é definida por Hymes (1972) como o aspecto da competência de uso da língua que permite ao falante transmitir e interpretar mensagens, além de possibilitar a negociação de significados dentro de contextos específicos. Como sinônimo do termo Competência Comunicativa, a expressão Competência Comunicacional tem ganhado espaço em alguns trabalhos em LA. Moura Filho (2005, p. 76) define esta competência como sendo

a capacidade de produzir e compreender insumos de qualidade de linguagem humana para dialogar, comunicar e expressar o que sentimos e pensamos em diferentes contextos de interação, de maneira apropriada e com insumo de qualidade. É a capacidade não só de produzir linguagem humana com insumo de qualidade, mas de compreender, demonstrar empatia, argüir e mediar uma interação dialética e dialógica com outros sujeitos.

A **Competência Espontânea** é apresentada por Ribeiro (2009) como sendo a competência natural de aprender. Esta competência é influenciada pelas intuições, crenças e experiências do aprendiz e às vezes pelas intuições, crenças e experiências de como aprender de pessoas próximas ao aprendiz, tais como familiares, professores e pares. A autora ressalta que o aprendiz não recebe formação para ser aluno, com isso, a abordagem que o aluno tem sobre como aprender é totalmente intuitiva.

A **Competência Estratégica** é responsável por compensar os problemas de comunicação do falante. Segundo Cunha (2008), esta competência faz referência às “estratégias de comunicação verbal e não verbal” que podem ser utilizadas para compensar lacunas na comunicação procedentes de “fatores ligados ao desempenho ou mesmo por insuficiência das competências do

falante”. Os gestos utilizados no momento da comunicação com o intuito de suprir a falta de vocabulário na língua-alvo é um bom exemplo de uso da competência estratégica.

A **Competência Teórica ou Informada** é a capacidade responsável pela busca de explicitações e explicações teóricas sobre aspectos da aprendizagem. Esta competência é desenvolvida durante as aulas de línguas e através da leitura de revistas, livros, sítios (entre outros materiais) voltados para o processo de aprendizagem. A linguagem utilizada nos cursos de formação e nos materiais voltados para os aprendizes deve ser

dinâmica, do dia-a-dia, adaptada ao aprendente, para que a informação seja realmente adquirida por este. É preciso ter livros direcionados aos alunos, mas não com o objetivo de “auto-ajuda”, do tipo “aprenda a não errar mais”(...). Mas sim de livros (...) que tem por objetivo explicitar e explicar para o aprendente sobre as maneiras de se aprender de forma consciente e produtiva, que poderá levá-lo ao sucesso na aprendizagem. (RIBEIRO, 2009, p.53).

A **Competência Reflexiva**, que segundo Basso (2008) ainda não está presente em todos os professores, provavelmente não faz parte do processo de aprendizagem de muitos aprendizes de línguas. Como a própria expressão sugere, ela está associada ao ato de reflexão, responsável por fazer com que o aprendiz pense e reflita sobre o processo de aprendizagem de uma língua. É através do desenvolvimento dessa competência que o aluno passa a ter consciência do que aprendeu e do que ainda necessita aprender, do que está bom e do que ainda precisa ser melhorado. Com isso, o aprendiz inicia uma busca por uma formação que contemple suas necessidades e interesses, a fim de conseguir o sucesso esperado na aprendizagem.

Nascimento (2009) defende a *academização* do aprendiz, isto significa, a ocorrência de uma formação crítico-reflexiva dos aprendizes acerca do seu papel na aprendizagem de uma língua. Sendo assim, para a autora, é necessário que o aprendiz desenvolva uma postura reflexiva que o possibilite envolver-se com o processo de aprendizagem.

Vale ressaltar que as competências, aqui mencionadas, não esgotam a possibilidade da existência de outras. Como anunciamos no início deste artigo, tentamos esboçar na figura 1 algumas competências que acreditamos serem desejáveis para o bom desenvolvimento do aluno.

## Esboço das Competências do Aprendiz de Línguas



Figura 1: Modelo de Freitas, Lima Junior e Silva-Brasil (2011).

O modelo de Competências do Aprendiz aqui proposto apropria-se da metáfora da colmeia, por compreender que estas competências não têm uma relação estática, pelo contrário se interligam e reconstroem sua relação o tempo todo, mas sempre possibilitando um novo encaixe.

A Competência Reflexiva é colocada no centro e perpassa as outras competências como uma substância gelatinosa capaz de coabitar entre/com as demais e circular confortavelmente entre todas elas. Esta posição central se dá, pois consideramos ser essa uma competência essencial, capaz de mobilizar as demais, embora saibamos que a competência reflexiva não é usada o tempo todo, é fundamental para alcançar uma aprendizagem eficaz.

A seta circular indica que o posicionamento das competências não é fixo, abrindo um leque de infinitas possibilidades de combinação. As palavras na parte externa da seta circular representam fatores, tais como crenças, valores, atitude, ação, motivação e afetividade, que os aprendentes trazem consigo e que influenciam e interferem no processo aprendizagem.

## **2. A Competência do Aprendiz de Línguas: e quando o aprendiz quer se tornar professor?**

Na seção anterior tratamos do aprendiz de línguas cujo desejo é se comunicar nessa nova língua. Mas e quando esse estudante tem como meta tornar-se professor de línguas? Como se dá essa equação?

Nesse caso é preciso ir além e compreender quais são as competências desejáveis ao professor de línguas, buscando desenvolver suas competências de aprendiz para apropriar-se não apenas da língua-alvo, mas também da competência profissional.

O professor é aquele que ensina e o aprendiz aquele que aprende. Prabhu (2003) considera estas duas atividades como distintas. Para o autor, a atividade de ensinar é passível de planejamento, condução e controle, podendo ser observada e avaliada durante o seu curso. A aprendizagem por sua vez, pode ocorrer intencionalmente ou não, além de não ser passível de ser iniciada, interrompida ou acelerada. Por esse prisma aprender se apresenta então como uma atividade imprevisível e intangível, enquanto ensinar se mostra muito mais tangível e previsível.

O aprendiz, estudante universitário, em sua formação vivencia estes dois lados paralelamente. Convive intimamente com a aprendizagem, que tem intenções próprias, e com o ensino, seu objeto de estudo e da sua futura prática profissional, a qual está atrelada à intencionalidade. O modelo de competências de aprendizes se diferencia quando estes buscam profissionalização como professores de línguas (ensino-aprendizagem). Nesse cenário, os anseios e necessidades dos alunos são diferenciados daqueles apresentados na seção anterior, assim a abordagem e as competências desejadas se alteram.

Ao propor ensinar uma língua o professor deve primeiramente conhecê-la (competência discursiva), mas ao mesmo tempo é necessário compreender que língua e cultura são indissociáveis e perceber que a língua também serve ao propósito de libertação e não de opressão, por esta razão este conhecimento linguístico deve ser associado ao profissional e político-social (competência profissional) e interligados via reflexão visando o desenvolvimento da sociedade como um todo (BASSO, 2008).

No contexto atual, o professor técnico se vê obrigado a ceder lugar ao professor reflexivo. Na busca por ser um professor profissional a universidade deve oportunizar ao estudante, durante sua formação, o seu desenvolvimento nas dimensões pedagógica, pessoal, cognitiva e teórica. Alvarez (2010) afirma que a formação do professor de línguas

... tem a responsabilidade de participar na democratização social e cultural para garantir uma educação superior de qualidade. O professor de LE deve refletir sobre experiência de sua própria formação, pois necessita ter clareza sobre as possibilidades e fins do ato de se formar.

A Competência Reflexiva destacada por Alvarez, entre outros autores, se mostra de importância ímpar no processo de profissionalização do professor, nela reside a sua própria capacidade de repensar os processos, refletindo sobre a prática e associando-a a teoria. Almeida Filho (2006) destaca que cabe ao professor contemporâneo pensar de forma sistemática no que faz para que possa fazer juízo de si como ensinante.

### **3. O Papel da Universidade no Desenvolvimento da Competência Profissional do Futuro Professor de Línguas**

Urge observar os objetivos do período de formação do professor de línguas no Curso de Letras, na universidade. Almeida Filho (2010) destaca que para ensinar sob a visão comunicacional são necessários “conhecimentos, atitudes e capacidade para agir na língua-alvo” em ambientes onde os aprendizes estão fortemente envolvidos com a produção de sentidos. Durante a formação universitária no Curso de Letras, o currículo constitui o núcleo através do qual o formando interagirá com formadores e colegas buscando profissionalizar-se. Essa relação pode ser observada na figura 2, a seguir.

## Competências na Formação do Professor de Línguas

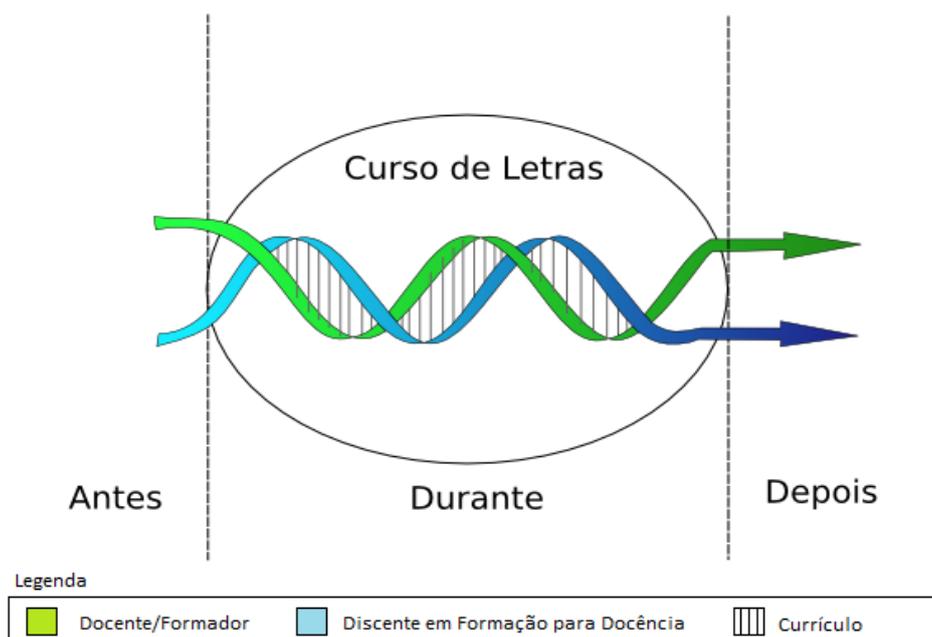


Figura 2: Modelo de Freitas, Lima Junior e Silva-Brasil (2011).

Aprender-ensinar uma língua pressupõe uma busca por comunicação nesta língua. A comunicação por sua vez, pode ser compreendida como interação social na qual os sujeitos participantes possuem trajetória única, embora moldadas pelo contexto social. Portanto ao ensinar-aprender uma língua a cultura do aprendiz é colocada em diálogo com a língua-cultura estudada (perceba que língua e cultura são indissociáveis). Ao professor de línguas cabe saber lidar com os conflitos interculturais que surgem deste contato entre culturas distintas (BASSO, 2008).

Propomos neste artigo uma discussão acerca das competências na contemporaneidade, como alternativa para uma reflexão acerca da formação do professor de línguas em nível universitário. Como ressalta Almeida Filho (2006), por abranger capacidades individuais, as competências carregam características individuais, e conseqüentemente sofrem influência da personalidade e das motivações dos professores.

No intuito de desenvolver a competência do professor, Almeida Filho (2000) sugere que se inclua no currículo dos Cursos de Letras pelo menos um semestre de Linguística Aplicada (LA), que seria responsável por discutir os conceitos e teorias que possibilitariam modificações conceituais e da *práxis*. O

autor sugere ainda que se eleja um tipo de teoria que melhor atenda ao propósito de “saber sobre e saber fazer ao mesmo tempo”. Almeida Filho deixa bem claro que o aumento do número de disciplinas ou da carga horária não é suficiente para o propósito do desenvolvimento da competência.

Atualmente não podemos conceber uma formação profissional de professores de línguas puramente técnica. Ortiz Alvarez (2010), corroborando com Almeida Filho e Moita Lopes, evidencia que o profissional que necessitamos deve ser reflexivo, capaz de transitar entre teoria e prática e refletir nesse processo, preocupando-se com a produção do conhecimento em sala de aula, e não apenas sendo um profissional centrado em compreender métodos e técnicas mecanizadas.

Almeida Filho (2004) afirma que a contemporaneidade demanda um professor de línguas profissional, comunicacional e reflexivo. Para tanto existem condições mínimas para que esse formando, admitido inicialmente na universidade, dê continuidade aos seus estudos, dentre estas destacamos:

...estar ensinando ou se preparando para tal minimamente; dispor de tempo e disposição para observar e pensar; auto-avaliarem-se ou receberem a avaliação do formador; preparação para observar e observar-se; preparação/fortalecimento para fazer sentidos do ensino de outros e do próprio ensinar; (auto) colocação de metas desejáveis; fortalecimento da teoria informal, da capacidade espontânea de ensinar até o momento e das atitudes frente ao ensinar mediante programa de leituras e estudos teóricos formais (de terceiros); alternância de ensino, reflexão com auto-percepção de filosofia de ensino, de leituras com discussões, mais ensino, mais reflexão etc.

Durante a formação universitária deve haver espaço para discussão do corpo teórico a fim de levantar novos questionamentos para investigação, novas propostas e solução para a prática em sala de aula. A universidade é o “lugar da explicação”, é neste ambiente que os formandos e formadores devem interagir no intuito de socorrer às questões sobre o que ensinar, porque ensinar, como ensinar, e mais ainda, buscar explicações para o porquê “se ensina como se ensina” (ALMEIDA FILHO, 2000).

A formação universitária nos Cursos de Letras deveria contemplar o desenvolvimento das competências que a profissão de professor requer. É urgente que ocorram mudanças no currículo dos Cursos de Letras, e mesmo na postura dos agentes envolvidos nesse processo (discentes / formadores, professores em formação, coordenadores dos cursos, entre outros). O caminho para esse desenvolvimento certamente passa pela LA, mais especificamente

pela sua inserção nos currículos.

#### **4. Considerações Finais**

A partir dos nossos estudos sobre competência, entendemos que para que ocorra uma formação em LE consistente e eficaz, tanto para aprendizes quanto para aprendizes que anseiam se tornar professores de línguas, é necessário avaliar durante todo o processo de ensino-aprendizagem quais são as competências necessárias para esses dois tipos de aprendentes. Ao propormos um esboço de competências do aprendiz, buscamos evidenciar a necessidade de se refletir sobre o processo de aprender para enriquecer o processo de ensinar. O modelo de competências do aprendiz proposto neste trabalho visa a formação de aprendizes participantes ativos e reflexivos sobre o seu processo de aprendizagem.

Nosso intuito é potencializar uma discussão que ressalte a importância do aprendiz no processo de ensino-aprendizagem e instigue a busca de novos olhares e possibilidades para formação de aprendizes, já que são eles os agentes centrais desse processo. Para melhor ensinar faz-se necessário também compreender os processos de aprender, e para melhor aprender precisamos ter consciência do que somos e do que podemos ser como aprendentes.

Como vimos, o modelo de competências de aprendizes se diferencia quando estes aprendizes buscam profissionalização como professores. Sendo assim, o futuro professor de LE deve se apropriar de inúmeras competências para agregar significado a sua futura prática. Por isso, a necessidade de se pensar em uma formação reflexiva para o futuro professor de línguas deve ser uma constante nos cursos de formação de professores.

Com este estudo, esperamos ter contribuído para o reconhecimento da necessidade de se (re)pensar as competências a serem desenvolvidas pelos aprendizes e pelos futuros professores de línguas. Além disso, defendermos a necessidade de pesquisas futuras feitas a partir do esboço apresentado que objetivem ampliá-lo e/ou verificar a relevância desse modelo para o contexto acadêmico-social dos aprendizes de LE.

## Referências

ALMEIDA FILHO, J. C. P. Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas. Campinas: Pontes, 1993.

\_\_\_\_\_. Crise, transições e mudanças no currículo de formação de professores de línguas. In: BORGES MOTA M. & BRAGA TOMICH, L. *Aspectos da Linguística Aplicada* (estudos em homenagem ao Prof. Hilário Bohn). Florianópolis: Editora Insular, 2000

\_\_\_\_\_. O professor de Língua(s), Profissional, Reflexivo e Comunicacional. In: *Revista Horizontes de Linguística Aplicada*, 2004.

\_\_\_\_\_. Conhecer e desenvolver a competência Profissional dos professores de LE. In: *Contexturas: Ensino Crítico de Língua Inglesa*. São Paulo: APLIESP, n.9. p.9-19. 2006.

BASSO, E. A. A construção Social das Competências Necessárias em um educador pelas Línguas: entre o real e o ideal – um curso de Letras em Estudo. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP. IEL. 2001.

\_\_\_\_\_. As competências na contemporaneidade e a formação do professor de Le. In: Ortiz Alvarez, M.L. & SILVA, K.A. (org.) *Perspectivas de investigação em Linguística Aplicada*. Campinas: Pontes, 2008.

CANALE, M. & SWAIN, M. Theoretical bases of communicative approaches to second language teaching and testing. In: *Applied Linguistics. Vol. 1, No. 1*, 1980, p. 1-47.

CUNHA, A. C. da. Primeiros passos na competência comunicativa numa nova língua (inglês) em contexto de escola regular. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília. 2008.

DEWEY, J. Democracy and Education. ILT Digital Classics. 1994. Disponível em: <

<http://www.ilt.columbia.edu/publications/dewey.html> > Acesso em: 22 de setembro 2007.

HYMES, D. On Communicative competence. In: PRIDE, J.D. & HOLMES, J. (orgs.) *Sociolinguistics. Select readings*. Harmondsworth, U. K. Penguin, 1972.

MORATO, E. M. Da noção de competência no campo da linguística. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Situar a linguagem* 1.1 ed. São Paulo: Parábola, 2008, p. 39-66.

MOURA FILHO, A. C. L. Pelo Inglês Afora: carreira profissional e autonomia na aprendizagem de inglês como língua estrangeira. 2005. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2005.

NASCIMENTO, J. R. do. Índícios de desenvolvimento de Competência Aplicada de aprendizes de LE (inglês), 2009. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

ORTIZ ALVAREZ, M. L. Reflexão sobre teoria e prática na formação do profissional de línguas. In: Leonardo Herrera González; Valeria Paola Suárez Galicia. (Org.). *Práctica Educativa en la enseñanza de Lenguas Extranjeras en México: antología de textos*. 1 ed. Cidade de Mexico: Editora da UNAM, 2010, v. 1, p. 235-256.

PAULA, L. F. de. Procedimentos espontâneos de aprender LE (inglês): um esboço de análise da competência espontânea de aprender do aluno. 2008. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

PRABHU, N. S. Ensinar é, no máximo, esperar que o melhor aconteça. Tradução de Luciene M. Garbuglio Castello Branco e Maristela M. Kondo Claus. In: *Horizontes de Linguística Aplicada*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. Ano 2. n.. p.83 - 91, 2003. Original inglês.

RIBEIRO, L. A. M. "EUKURTO APRENDER!" A competência acadêmica na (re)construção da identidade do novo aprendiz de língua(s). Dissertação de Mestrado, UnB, 2009.